

UMA ANÁLISE COMPARATIVA DAS OBRAS *BECOS DA MEMÓRIA* E *QUARTO DE DESPEJO*: A FAVELA COMO ESPAÇO E COMO LUGAR

A COMPARATIVE ANALYSIS OF THE WORKS ALLEYS OF MEMORY AND ERASING ROOM: THE FAVELA AS A SPACE AND AS A PLACE

Francisca Katrine de Carvalho Souza
Wheriston Silva Neris
UFMA

Resumo: O objetivo deste trabalho é comparar a representação do espaço nas obras *Quarto de Despejo* (1963) da escritora Carolina Maria de Jesus e *Becos da Memória* (2017) de Conceição Evaristo. De modo específico, trata-se de analisar o papel que a favela desempenha na vida de Carolina e Maria-Nova, ressaltando os aspectos sociais e geográficos. Ambas as obras trazem uma visão de dentro da favela: em *Becos da Memória*, Maria-Nova narra como foi a construção e a demolição da favela. Em *Quarto de Despejo*, por seu turno, Carolina conta em uma espécie de diário a rotina e as lutas que enfrentava no espaço em pauta. Teoricamente fundamentado nos Estudos Comparados (CARVALHAL, 2006; NITRINI, 2010), recorremos à pesquisa bibliográfica e também à análise interna da composição dos livros para desenvolvimento do trabalho. Dessa forma, verificou-se as convergências e singularidades das representações produzidas sobre o espaço nas duas obras, bem como a influência que este produzia sobre a própria vida dos personagens sob análise.

Palavras chaves: favela; espaço; literatura comparada; Becos da memória; Quarto de despejo.

Abstract: *The objective of this work is to compare the representation of space in the works Becos da Memória (2017) by Conceição Evaristo and Quarto de Desejo (1963) by Carolina Maria de Jesus. Specifically, it is about analyzing the role that the favela plays in the lives of Maria-Nova and Carolina, emphasizing social and geographic aspects. Both works bring a view from within the favela: in Becos da Memória, Maria-Nova narrates how the construction and demolition of the favela went. In Quarto de Despejo, in turn, Carolina tells in a kind of diary the routine and struggles she faced in the space in question. Theoretically based on Comparative Studies (CARVALHAL, 2006; NITRINI, 2010), we resorted to bibliographical research and also to the internal analysis of the composition of books for the development of the work. Thus, the convergences and singularities of the representations produced about space in the two works were verified, as well as the influence that this produced on the very lives of the characters under analysis.*

Keywords: *slum; Space; comparative literature; Memory alleys; Dump room.*

1 INTRODUÇÃO

O objetivo principal deste estudo é realizar a comparação entre os modos de representação do espaço, notadamente da favela, nos livros *Quarto de Despejo* de Carolina Maria de Jesus e *Becos da Memória* da escritora Conceição Evaristo. Trata-se aqui de captar como as autoras delineiam em seus trabalhos uma representação sobre o espaço social e geográfico em que se situam as personagens narradas, servindo-nos como um laboratório particularmente profícuo para pensar sobre os dilemas, desafios e modos de percepção da sociedade a partir da perspectiva dos dominados. Como sabido, Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus talvez constituam os exemplos mais lapidares da renovação do debate sobre autoria feminina negra contemporaneamente. Mulheres fortes, que moraram em favelas, suas escritas deram voz a uma porção da população que não tem vez, denunciando as precariedades da vida nas favelas, as injustiças sociais, e o preconceito racial através por meio das suas obras. Utilizaram a escrita com cunho reivindicatório, crítico e emancipatório.

Por meio deste artigo buscar-se-á mostrar como é retratada a favela por estas duas reconhecidas escritoras nas obras escolhidas para a pesquisa. Aos poucos poderá ser visto as diferenças nas caracterizações do lugar, a função que vai exercer para as personagens, as convergências e distinções nas caracterizações da favela.

Para fazer esta pesquisa correlacionando um livro com o outro utilizaremos o método comparativo que é “centrado em estudar semelhanças e diferenças, esse método realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências” (PRADANOV; FREITAS, 2013, p. 38). Segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 106) este método realiza comparações, com a “finalidade de verificar similitudes e explicar divergências. O método comparativo é usado tanto para comparações de grupos no presente, no passado, ou entre os existentes e os do passado, quanto entre sociedades de iguais ou de diferentes estágios de desenvolvimento”. Ainda temos que “ocupando-se da explicação dos fenômenos, o método comparativo permite analisar o dado concreto, deduzindo do mesmo os elementos constantes, abstratos e gerais” (2003, p. 106).

Além disso, para a composição do trabalho usamos a pesquisa bibliográfica que “é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (FONSECA, 2002, p. 32). Baseando-se em textos teóricos sobre a Literatura comparada para embasar esta pesquisa, recorreremos principalmente aos trabalhos de Tania Carvalhal (2006), Sandra Nitrini (2010), Remak (1994), os quais encontram-se no ponto de partida de uma pesquisa em curso no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão- UFMA.

Dessa forma, em relação as obras estudadas nesta pesquisa, será considerado o plano do espaço como elemento que constitui a narrativa e contribui para a compreensão artística das obras, de modo que este elemento seja essencial, não se tratando tão somente de uma espécie de pano de fundo para desvelar dos acontecimentos.

Ante o exposto, cabe ressaltar que *Becos da Memória* foi escrito no final de 1987 e início de 1988, entretanto só foi publicado em 2006. A versão que é utilizada neste estudo é a de 2017.

O cenário do livro é uma favela em processo de demolição, localizada em uma grande área de especulação imobiliária, ao lado de um bairro nobre. A tônica, aqui, é o da narração de vidas e histórias que a personagem escutou das pessoas, remontando ao processo de construção da favela, chegada dos primeiros moradores e, por fim, a desconstrução com o processo de demolição. Por outro lado, *Quarto de despejo*, foi lançado no mercado editorial por Audálio Dantas, jornalista no ano de 1960. Neste são narradas as vivências de Carolina, mulher, negra, quase sem escolaridade, moradora da favela do Canidé em São Paulo, entre o período de 1955 a 1960. A obra foi traduzida em 13 idiomas. Um importante detalhe a se mencionar é que, Carolina, a autora, lia os livros que encontrava no lixo.

Assim, enquanto no livro de Carolina conta em uma espécie de diário sua rotina na favela, as lutas cotidianas, os sentimentos, com o que podemos compreender a simbologia do título da obra. No livro de Conceição, becos remetem às pequenas e apertadas vielas que separavam as casas por onde circulavam os moradores, e onde estes vivenciavam/produziam suas histórias. A memória desempenha, pois, nas duas produções, papel importantíssimo seja como suporte para a produção dos trabalhos, seja para reconstituição desses lugares de memória. Outro aspecto importante, diz respeito ao fato de que na obra de Carolina a favela surge como uma espécie de depósito e/ou recipiendário empregado para jogar tudo o que não teria mais utilidade, um *Quarto de Dispensa*. Trata-se aqui de uma metáfora forte, visto que colocada no registro da crítica com relação às formas pelas quais “Nós, os pobres, somos [tratados como] os trastes velhos”

Ante o exposto, o texto que segue encontra-se dividido em três eixos interdependentes. No primeiro, discutiremos sobre algumas dimensões teóricas do campo de estudos da literatura comparada, tentando delinear alguns dos marcos da perspectiva interdisciplinar que está no ponto de partida deste trabalho. Na sequência, refletimos sobre a categoria espaço e suas conexões com a literatura. Por fim, exploraremos como o tema do espaço é construído nas duas obras em pauta.

2 LITERATURA COMPARADA: SOBRE ALGUNS APORTES TEÓRICOS

Neste tópico exploraremos algumas problemáticas teóricas do campo de estudos da Literatura comparada. Os pesquisadores escolhidos para o embasamento do estudo foram Tania Carvalhal (2006), Sandra Nitrini (2010), Remak (1994). Cabe observar, inicialmente, que a palavra comparar remete, no final de contas, a uma espécie de hábito de pensamento cuja recorrência é mais comum do que se imagina. Como observou Tania Carvalhal (2006, p. 6), “valer-se da comparação é hábito generalizado em diferentes áreas do saber humano e mesmo na linguagem corrente, onde o exemplo dos provérbios ilustra a frequência de emprego do recurso” (CARVALHAL, 2006, p. 6).

Carvalhal ressalta que a origem da literatura comparada “está vinculado à corrente de pensamento cosmopolita que caracterizou o século XIX, época em que comparar estruturas ou fenômenos análogos, com a finalidade de extrair leis gerais, foi dominante nas ciências culturais” (2006, p. 7). Por mais que este pensamento comparatista já venha de muito anos, é somente nos primeiros decênios deste século que a literatura comparada vai ganhar forma de disciplina

reconhecida. A partir de então é que vai tornar-se componente de ensino regular nas grandes universidades europeias e norte-americanas, com bibliografia específica, segundo Carvalhal (2006, p. 13).

A crítica literária, por exemplo, quando analisa uma obra, muitas vezes é levada a estabelecer confrontos com outras obras de outros autores, para elucidar e para fundamentar juízos de valor. Compara, então, não apenas com o objetivo de concluir sobre a natureza dos elementos confrontados, mas, principalmente, para saber se são iguais ou diferentes (CARVALHAL, 2006, p. 6).

Levando para o contexto deste artigo, escolheu-se duas escritoras brasileiras que trazem como temática o negro, o feminino e a favela em seus trabalhos. Pretende-se mostrar que a representação do espaço, da favela, nos livros escolhidos, tem pontos de convergência e distinção, visto que o ambiente desempenha papéis diferentes nas duas obras para as personagens. Quando se opta por fazer um estudo comparatista, procura-se encontrar semelhanças ou diferenças nos elementos que compõem as obras em tela. O estudo com base na literatura comparada é algo bem versátil, pois pode ser utilizado entre obras de escritores de um mesmo país ou não. Essa versatilidade encontra sua razão de ser, por seu turno, no próprio processo histórico de surgimento desse campo de estudos, visto que desde os seus primórdios no campo literário francês, foi beneficiado pela “ruptura com as concepções estáticas e com os juízos formulados em nome de valores reputados intemporais e intocáveis, a difusão da literatura comparada coincide, portanto, com o abandono do domínio do chamado gosto clássico” (2006, p. 10).

Seja como for, o fato é que a Literatura Comparada possui um vasto campo de possibilidades de pesquisas, investigações, sendo difícil demarcar com precisão o campo de investigação da disciplina. Como visto no fragmento citado, com esta análise pretende-se mostrar que o modo como a favela é simbolizada nas obras escolhidas para estudo. Apesar das obras escolhidas já terem sido amplamente pesquisadas, acredita-se que a escolha temática realizada aqui pode ser útil pela observação das obras sob nova perspectiva. O trecho a seguir, retirado de Tânia Carvalhal é bastante convergente com essa perspectiva, visto que, para a autora, um assunto/elemento encontrado em determinada obra pode ser analisado em diversas conjunturas literárias, tendo potencial para expandir a própria perspectiva de análise.

Em síntese, o comparatismo deixa de ser visto apenas como confronto entre obras ou autores. Também não se restringe à perseguição de uma imagem, de um tema, de um verso, de um fragmento, ou à análise da imagem/miragem que uma literatura faz de outras. Paralelamente a estudos como esses, que chegam a bom término com o reforço teórico-crítico indispensável, a literatura comparada ambiciona um alcance ainda maior, que é o de contribuir para a elucidação de questões literárias que exijam perspectivas amplas. Assim a investigação de um mesmo problema em diferentes contextos literários permite que se ampliem os horizontes do conhecimento estético ao mesmo tempo que, pela análise contrastiva, favorece a visão crítica das literaturas nacionais. Por outro

lado, pela natureza da disciplina, ocupa-se com elementos que a crítica literária habitualmente não considera correspondências, literatura de viagens, traduções. No entanto, ao explorá-las, atua criticamente. É desse modo que a literatura comparada se integra às demais disciplinas que ainda mais além, ao perguntar por que determinado texto (ou vários) são resgatados em dado momento por outra obra (CARVALHAL, 2006, p.56)

Ora essa especificidade crítica decorrente da exploração dos amálgamas, das fronteiras, dos cruzamentos de referências e dos modos de definição heterogêneos da textualidade perpassa as próprias definições do seu objeto e método de estudos. É o que se pode inferir da definição apresentada por Sandra Nitrini para a qual, seu “objeto é essencialmente o estudo das diversas literaturas nas suas relações entre si, isto é, em que medida umas estão ligadas às outras na inspiração, no conteúdo, na forma, no estilo. Propõe-se a estudar tudo o que passou de uma literatura para outra” (2010, p. 24). Essa perspectiva é convergente ainda com a leitura de Remak que define o estudo da literatura comparada como segue:

A literatura comparada é o estudo da literatura além das fronteiras de um país particular e o estudo das relações entre literatura, de um lado, e outras áreas de conhecimento, e da crença, tais como as artes (ex: pintura, escultura, arquitetura, música), filosofia, história, ciências sociais, religião etc. e de outro. Em suma é a comparação de uma literatura com outras esferas da expressão humana (REMAK, 1994, p. 175).

Reconhecendo então a viabilidade experimental da comparação da literatura com outras artes ou ramos do saber, estamos mais interessados aqui, não obstante, pelo “(...) estudo comparativo de obras ou autores no interior de uma literatura nacional” (NITRINI, 2010, p. 29). Trata-se aqui, como será visto com maior detalhe adiante, de não apenas constatar a existência de semelhanças e diferenças no modo de exploração das relações entre literatura e espacialidade nas duas obras sob destaque, como também explorar elementos que têm nos parecido pertinentes para chegar aprofundar a análise e chegar “às interpretações dos motivos que geraram essas relações” (CARVALHAL, 2006, p. 52).

3 O ESPAÇO NAS NARRATIVAS: BREVES CONCEITOS TEÓRICOS

O espaço é elemento essencial nas histórias das duas obras escolhidas como objeto de pesquisa deste trabalho, tanto em *Becos da Memória* quanto em *Quarto de despejo*, por isso decidiu-se fazer este tópico para conhecer, brevemente, alguns aspectos teóricos relacionados ao espaço nas narrativas escolhidas. É de conhecimento de todos que o espaço é elemento fundamental para a criação de uma narrativa, seja ficcional ou não. O ambiente dos dois livros aqui tratados é a favela, dessa forma, optou-se primeiro por conhecer alguns conceitos sobre o termo favela como surgiu. Nesse viés, segundo Valladares (2000, p. 08) “data do início do século não apenas

a descoberta da favela, mas também a sua transformação em problema”. Abaixo tem-se mais um fragmento sobre o assunto:

A favela, vista pelos olhos das instituições e dos governos, é o lugar por excelência da desordem. [...] Ao longo deste século, a favela foi representada como um dos fantasmas prediletos do imaginário urbano: como foco de doenças, gerador de mortais epidemias; como sítio por excelência de malandros e ociosos, negros inimigos do trabalho duro e honesto; como amontoado promíscuo de populações sem moral (ZALUAR; ALVITO, 2004, p. 14).

Esse olhar negativo da sociedade para a favela será transmitido também para as obras literárias como perceberemos nos trechos dos livros que serão analisados no tópico seguinte. Como visto nas pesquisas, os moradores são discriminados por conta do local em que moram, e por geralmente serem as pessoas mais pobres que moram ali e que desempenham funções com menores níveis de escolaridade, os habitantes não tem acesso a direitos básicos como a educação, a água de qualidade, esgoto, e etc. Porém, o diferencial de *Quarto de despejo* e *Becos da memória*, são as narrativas contadas por pessoas que viveram em favelas, um olhar de dentro, que permite quase que uma experiência etnográfica de exploração do dia a dia, do convívio, das lutas, alegrias e modos de interpretação do mundo dos mais humildes. Aqui, porém, já não são os interlocutores externos que dão voz aos personagens, mas os próprios “nativos” que informam os núcleos de valor, dão a entender as relações mais íntimas, cuja gramática é familiar aos residentes, mas categorias distantes aos interlocutores externos.

As razões dessa dinâmica encontram sua razão de ser na própria história do lugar. Segundo Nascimento (2006, p. 35), as favelas serão formadas pelos recém-libertos que vinham das “lavouras e das senzalas e atraídos pelos refletores da cidade que se transformava, que anunciava novos tempos e que poderia abriga-los como mão-de-obra na construção do novo cenário urbanos, deparavam-se com a barreira da discriminação inscrita na cor da pele”. Pura ilusão, hoje sabemos. Aos herdeiros da escravidão restou apenas o esquecimento, o preconceito e instituição de novas formas de racismo muitíssimo eficientes para exclusão de direitos em uma ordem capitalista nova.

Em conformidade com Carril, as pessoas que moram nas favelas carregam uma carga de preconceito enorme porque se tem a ideia que “é nas periferias, nos morros, nas favelas que vivem os negros e pobres, com subempregos ou desempregados, com moradias sem condições de habitabilidade e com a prática dos serviços sociais praticamente inexistentes” (2006, p. 17). É visto como um local que refugia as pessoas que são excluídas dos centros. De acordo com Carril a favela é “ali onde a exclusão confunde-se com confinamento e serve para armazenar grandes contingentes populacionais em situação de longa exclusão porque não têm acesso ao emprego e a renda” (2006, p. 17).

Porém, apesar dessas classificações carregarem consigo um caráter visivelmente excludente, para compreensão do modo de representação adotado pelas autoras e nossas personagens nas obras sob análise, talvez seja necessário explorar outro conjunto de questões teóricas, notadamente, sobre

o próprio conceito de espaço e lugar. Sim, por que o espaço só se torna humano na medida em que é submetido a ações, a experiências, a definições de sentidos de pertencimento que o reconstruem política e subjetivamente. Era sem dúvida a isso que se referia Foucault quando que ressaltava que esses modos múltiplos de redefinição do espaço.

Não é o espaço. Não vivemos em um espaço neutro e branco; não vivemos, não morremos e não amamos no retângulo de uma folha de papel. Vivemos, morremos e amamos em um espaço esquadrado, recortado, multicolor, com zonas claras e sombras, diferenças de níveis, degraus, cavidades, protuberâncias, regiões duras e outras quebradiças, penetráveis, porosas (FOUCAULT, 2013, p. 23-24).

Desse ângulo, as observações de Tuan encontram sua razão de ser, na medida em que permitem compreender as distinções significativas entre espaço e lugar:

Espaço e lugar são termos familiares que indicam experiências em comum. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor. As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa, cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar (TUAN, 1983, p. 6).

Em conformidade com Tuan, vale ressaltar que o termo espaço é algo mais abrangente, abstrato e que lugar é algo mais individual, e que ao lugar atribuímos valor, posto que repleto de subjetivações e sentimentos. Contudo, ambas as definições precisam uma da outra para existirem. Ainda do ponto de vista teórico, como resalta Brandão, o espaço era abordado “apenas como categoria identificável em obras”, e foi preciso aguardar o Estruturalismo, a teoria da recepção e os Estudos Culturais entre as décadas de 60 e 70 do século passado, para que o espaço passasse a ser tratado como “sistema interpretativo, modelo de leitura, orientação epistemológica” (BRANDÃO, 2005 p. 120).

Assmann, por seu turno, contribui ressaltando que “o local específico não se torna relevante apenas enquanto cenário do que acontece, mas ganha também um novo significado enquanto cenário do conceber literário, do escrever e da leitura” (2011, p. 342). O elemento espaço na literatura está presente, portanto, não somente como um enfeite para a narrativa, mas adquire o papel de um personagem personificado que além de integrar a narrativa influencia outros personagens e suas ações. A apresentação do espaço desnuda características e ações que se justificam devido ao local em que estão inseridos os personagens e suas ações, permitindo, dessa forma, compreender o espaço dentro de outra posição no domínio narrativo.

Brandão, por sua vez, resalta que o modo como são feitas as representações espaciais “variam de acordo com relação que cada época e cultura possui com o espaço, relação que abraça possibilidade de percepção e uso, definidas por intermédio de condicionantes econômicos, sociais

e políticos” (2005, p. 1). Em uma determinada época a imagem e o significado que o espaço tem para uma sociedade poderá ser diferente para outro período, podendo haver representações diferentes. Em síntese, trata-se aqui de uma série de perspectivas mobilizadas para a compreensão do espaço como um sistema de organização e de significação com estatuto importante nas obras literárias e, particularmente, dentro das duas obras em destaque neste texto.

Outro aspecto importante que mereceria ser destacado diz respeito às relações entre a literatura, os lugares e a memória. Sim, por que a concepção literária de lugar, aqui destacada, estabelece vínculos claros com a vida, a dialética das lembranças, a aliança com o vivido, fora das exigências de reconstrução típicas e requeridas na prática historiográfica. Nessa operação literária de reconstituição do passado, portanto, a representação afetiva e mágica dos lugares, torna-se então mais sensível às analogias entre contextos, às projeções de sentido individual e coletivo, às evoluções e continuidades temporais (NORA, 1993). É da dinâmica própria da memória, da lembrança e da reconstituição que se trata, no final de contas.

Ademais, apresenta-se a definição defendida por Milton Santos, o qual salienta que “o espaço é formado pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo e pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade” (2009, p. 106). Dessa forma, ligando ao contexto das obras aqui analisadas, concordando com a fala do geográfico, verifica-se que as favelas são formadas pelas cargas dos estigmas sociais presentes desde a formação com o favelado visto como pessoa perigosa. Esses amontoados de atos refletem na contemporaneidade na visão que se tem desse ambiente.

Conclui-se este tópico acerca dos breves conceitos teóricos sobre o espaço, percebeu-se que este pode exercer muita influência nas obras literárias, pois atribui e desempenha valores sociais e significativos. A compreensão da representação do espaço de ambas as obras, estudadas nesta pesquisa configuram papel essencial para entendimento e estudo. Adiante será feita a análise comparativa dos livros *Becos da memória* e *Quarto de despejo*, explorando fragmentos de ambos os livros que se inscrevem no eixo de questões aqui destacadas.

4 A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO FAVELA: *BECOS DA MEMÓRIA* X *QUARTO DE DESPEJO*

Neste tópico, almeja-se fazer a comparação entre as duas obras estudadas, com o objetivo de mostrar como é representado e simbolizado o espaço favela e a função que este ambiente desempenha na vida de Carolina Maria de Jesus e Maria-Nova, em *Quarto de despejo* e *Becos da memória*. São livros de duas grandes mulheres, escritoras, brasileiras, negras que dão voz e vez à favela. Começa-se a análise com a distinção de como cada personagem concebeu a favela: Maria-Nova correlaciona a uma senzala, utiliza o termo senzala-favela, enquanto Carolina assemelha a um quarto de despejo da sociedade, que joga na favela tudo o que não é mais necessário. Além de mostrar os pontos divergentes em cada obra em relação a representação do espaço, buscaremos pontuar também as questões em comum em relação à forma como a espacialidade é construída

nos livros em pauta. Com base nessas informações e em conceitos teóricos, utilizando como base a Literatura Comparada será feita a análise destas duas produções para observar a representação do espaço favela.

4.1 Senzala-favela x quarto de despejo

Neste sub tópico será mostrado a comparação que é feita dentro de ambos os livros com relação ao espaço favela. Na obra, *Becos da Memória*, Maria-Nova faz a comparação entre a senzala e a favela, que são dois ambientes distantes cronologicamente, mas que parecem ter muitos pontos em comum, pode-se citar as péssimas condições de moradia, por ambos serem locais com pouca infraestrutura, os moradores são tratados de forma preconceituosa e marginalizados. Para comprovar temos a citação abaixo retirado do livro de Conceição:

Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito, Senzala-favela...Lera e aprendera também o que era casa-grande. Sentiu vontade de falar à professora. Queria citar, como exemplo de casa-grande, o bairro nobre vizinho e como senzala, a favela onde morava (2017, p. 73).

Com o desenvolvimento dos grandes centros urbanos temos favelas ao lado de condomínios de luxo. Tem-se uma oposição de dois tipos de vidas, habitações e realidades diferentes que dividem o espaço. Como percebe-se no seguinte trecho “o campo era uma área livre, enorme, que ficava entre a favela e o bairro rico. Bem rico e bem próximo” (EVARISTO, 2017, p. 23). Observa-se repetição da palavra “bem” para dar mais intensidade aos termos “rico e próximo”, referindo-se ao bairro vizinho a favela, que é tão próximo geograficamente, mas ao mesmo tempo distante, no quesito da realidade social. Se torna longínquo com moradores com classe econômica alta de um lado, enquanto do outro, temos indivíduos que não tem acesso a direitos básicos para viver. Como visto no tópico sobre conceitos teóricos a respeito do espaço, vimos que a memória pode ser atrelada ao espaço, e, percebemos isso nos trechos supracitados acima, que o ambiente favela é comparado a uma senzala, este, no qual remete há muitos anos atrás, mas que por meio dos resquícios de memória do povo negro, do sofrimento daquele período ainda configura-se presente na lembrança de seus descendentes, que segundo Candau é a “consciência de pertencer a uma cadeia de gerações sucessivas das quais o grupo ou o indivíduo se sente mais ou menos herdeiro” (2018, p. 142), no caso dos negros escravos. Complementa-se com Milton Santos no qual diz que “o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções” (SANTOS, 1978, p. 122). Como bem ilustrado na citação acima retirado do livro de Evaristo, a relação social existente entre esses dois espaços, senzala-favela.

Em *Becos da memória*, os condomínios são comparados à casa-grande porque os moradores, de ambos os lugares, são as pessoas que tem dinheiro, melhor qualidade de vida, tem acesso a direitos básicos. Os habitantes de ambos os locais veem tanto a senzala quanto a favela como

ambientes sujos, de pessoas pobres e de marginais. Neste trecho, a menina fala sobre a *senzala da atualidade* “tinha para contar sobre uma senzala de que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida” (EVARISTO, 2017, p. 150) e “ela queria seguir a caminhada, inventar alguma saída, mas ainda não atinava como. Sabia, por suas próprias vivências, que na favela se concentravam a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre favela e a senzala” (EVARISTO, 2017, p. 137). As grades dessa senzala contemporânea, mencionada por Maria-Nova, são invisíveis, porém, eficientes para a supressão dos direitos básicos essenciais. Os moradores, dos locais mais pobres não têm acesso, como água de qualidade, esgoto, educação, moradia de qualidade, trabalho e principalmente dignidade.

Ao passo que, Carolina assemelha a favela a um quarto de despejo como pode-se ler no fragmento “quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1963, p. 33) relaciona os moradores da favela e a própria Carolina se compara a elementos que não estão mais sendo usados no momento, que não mais são “necessários” a sociedade e que por isso ficam em um lugar separado, em um quarto onde se joga as coisas sem utilidades, sem valor, ficam afastados. Mais uma vez reafirmando a comparação da favela com o quarto de despejo temos a citação “... O senhor Dario ficou horrorizado com a primitividade em que eu vivo. Ele olhava com assombro. Mas ele deve aprender que a favela é o quarto de despejo de São Paulo. E que eu sou uma despejada” (JESUS, 1963, p. 129). Em outro trecho temos “o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 1963, p. 33). Fala dos fins que se tem os objetos que estão no quarto de despejo, sem perspectivas de melhorar a condição de vida.

Carolina aponta que “a favela é o quintal onde se jogam os lixos” (1963, p. 28) nesta passagem a escritora correlaciona a favela a um quintal, sendo o centro e os bairros nobres de São Paulo a casa. O quintal é um local que se joga os objetos em desuso, a escritora utiliza a palavra “lixo” fazendo a ligação do termo com as pessoas que moram nas favelas as que não tem emprego, ou que desempenham funções que tem uma baixa remuneração, com pouca escolaridade, as que ficam abaixo da camada da sociedade.

Carolina ainda compara a favela a uma úlcera, que é uma ferida no estômago que dói e agrava quando o suco gástrico entra em contato com o ferimento, como percebe-se na transcrição “aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que a cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com as suas úlceras. As favelas” (JESUS, 1963, p. 76) nesta transcrição temos a fala da autora dizendo que as pessoas que visitam a cidade de São Paulo se encantam com as paisagens, a riqueza, mas esquecem de olhar o lado pobre de uma das maiores cidades do país. Complementa-se a ideia com mais esta citação retirada do livro “Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela” (JESUS, 1963, p. 37). Aqui a favela seria a parte pobre de São Paulo, feito do material mais barato, algodão, e que é usado nos pés.

Carolina chama as casas dos bairros vizinhos de “casas de alvenaria” fazendo a oposição aos materiais que os barracos da favela são construídos, geralmente são feitos com tábuas, folhas

de zinco, adobe ou com o que eles tiverem acesso. Carolina fala da insatisfação dos vizinhos por morar perto de uma favela “Os vizinhos de alvenaria já tentaram com abaixo assinado retirar os favelados. Mas não conseguiram” (JESUS, 1963, p. 28). No fragmento transcrito percebe-se que habitantes das casas de alvenaria querem que a favela saia de lá, porque ter esse ambiente perto do bairro nobre acaba por trazer uma desvalorização imobiliária. Para ilustrar, tem-se mais uma fração “os vizinhos de alvenaria olha os favelados com repugnância. Percebo seus olhares de ódio porque eles não quer a favela aqui. Que a favela deturpou o bairro. Que tem nojo de pobreza” (1963, p. 49). Neste trecho percebeu-se o preconceito por conta do lugar em que moram e a marginalização das pessoas por conta do local. Para corroborar tem-se mais estas passagens que esboça como as pessoas pensam sobre a favela “eu ouvi dizer que vocês lá da favela vivem uns roubando os outros (JESUS, 1963, p.25) e “disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a patria do país” (JESUS, 1963, p. 26).

4.2 A vontade mudar-se da favela x O medo de perder a favela

Como visto no tópico sobre os conceitos teóricos acerca do espaço, este, pode representar dependendo da época, da sociedade diferentes visões e sentimentos para os indivíduos, veremos isto neste sub tópico, comparando com o aparato da literatura comparada. Mostraremos o desejo de Carolina em sair da favela e conseguir ter uma casa de alvenaria em um bairro da cidade, por outro lado, teremos Maria-Nova que narra o medo dela e dos demais moradores de perder a favela, o barraco em que moravam. Perceberemos essa oposição de sentimento em relação a esse ambiente. O desejo de mudar-se do local para um ambiente melhor em oposição ao medo de perder o ambiente em que veem como um porto seguro, apesar das dificuldades.

Durante toda a narrativa de Carolina percebe-se o desejo nítido de sair da favela, de mudar de vida, como pode-se perceber nos trechos a seguir “Oh! Se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente” (JESUS, 1963, p.10), nesta citação percebe que a autora correlaciona os outros bairros a lugar mais “decente”, mais digno para se viver do que a favela. E complementa “mas se Deus me ajudar hei de mudar daqui” (JESUS, 1963, p. 17) e “o meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível” (JESUS, 1963, p. 19) a escritora mais uma vez reafirma a vontade de mudar o local de moradia, porque vivem com muitas dificuldades. “Se eu pudesse mudar desta favela! Tenho a impressão que estou no inferno” (JESUS, 1963, p. 24). Deseja morar em uma casa que ofereça mais conforto para ela e os filhos. E para realizar o sonho de se mudar da favela Carolina escreve “é que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 1963, p.25). Vê na escrita a possibilidade de mudança, transformação, melhoria da vida e de ganhar dinheiro.

Em oposição a *Quarto de despejo*, na obra de Conceição, temos a transcrição do medo de Maria-Nova e dos outros moradores de perder o barraco em que moravam por mais que fosse simples, era um porto seguro, era o que tinham, nota-se no trecho, que é um dos muitos dentro do livro, percebe-se a dor em ter que abandonar as casas quando a favela passa pelo processo de demolição

e os moradores perdem o abrigo que tinham, “todos sabiam que a favela não era o paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho, a sobrevivência de todos (EVARISTO, 2017, p. 71) e “era um medo que talvez viesse de situações mais concretas, como a mudança de um local que de certa forma amávamos e criamos como nosso. Medo por começar outra nova-mesma vida. Medo de que o amanhã ainda fosse pior, muito pior do que hoje” (EVARISTO, 2017, p. 166). No livro, os moradores mais velhos narram para Maria-Nova como foi a construção do local, a chegada dos moradores, a expansão da favela. Notou-se nos fragmentos o medo da mudança da favela, na obra temos a transcrição dos moradores perdendo as suas moradias e a angústia de pensar em encontrar um novo local para começar a reconstruir a vida e o barraco, na última citação, percebemos que as pessoas têm medo da vida nesse novo local ser ainda pior do que era antes. “Agora a gente perde um lugar de que eu já pensava ser dono. Perder a favela! (EVARISTO, 2017, p. 29). Como é lido por mais que os moradores soubessem que aquele local não lhes oferecesse as melhores condições de vida, pelo menos ali estava o trabalho, os conhecidos, e por mais que a vida não fosse fácil ali, pelo menos já tinham um local para se chamar de seu, com a demolição desse local tiveram que procurar recomeçar a vida em outro lugar.

Confirmando o que foi dito acima tem-se o fragmento “O pior era o desespero de não ter para onde ir, não ter mais o barraco para morar. A insegurança e o desconforto, que antes já existiam, com o barraco abaixo se tornavam maiores ainda” (EVARISTO, 2017, p. 140), e “O medo do invisível se apoderou de nós” (EVARISTO, 2017, p. 166) esse medo do invisível é porque os moradores saíram do local em que moravam e foram em busca de uma nova moradia, esse receio era porque a vida nesse novo ambiente poderia ser pior do que era antes. E “no local onde estavam os barracos dos que tinham ido pela manhã, agora só restava um grande vazio. Era como se um corpo que aos poucos fosse perdendo os pedaços. Sentiu dores” (EVARISTO, 2017, p. 87). Vemos no último trecho transcrito que a saída da favela é tão dolorosa que é comparado a perda de um membro do corpo. Vemos o amor que os personagens têm pelo lugar. Porque ao terem que sair de onde moravam tiveram que ir em busca um lugar novo para re(constuir) as suas vidas e casas, começar do zero. Com esta última fração retirada do livro, a autora passa para os leitores a angústia que sentiram com a mudança.

A favela retratada na obra de Evaristo simboliza um lugar de solidariedade, apesar das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos moradores. Porém percebe que lá é o lugar que sempre tem vaga para abrigar mais um, de união entre os moradores, mas também retrata uma triste realidade que é o processo de desocupação e demolição do ambiente, “aqui é grande como uma cidade. Há tanto barraco para entrar, tanta gente para se gostar!” (EVARISTO, 2017, p. 24). Percebemos com a narração o tanto que a favela era grande, e que sempre recebia quem procurasse e precisasse de abrigo, moradia para recomeçar. Enquanto que na favela do Canidé, Carolina apresenta como um lugar cruel e violento. “Eu sou da favela do Caniné. Sei cortar de gilete e navalha e estou aprendendo a manejar a peixeira. Um nortista está me dando aulas. Se vai me bater pode vir” (JESUS, 1963, p. 82). A narradora ressalta que “a única coisa que não existe na favela é solidariedade” (JESUS, 1963, p. 25).

No livro de Conceição aparecem os momentos de diversão dentro da favela, conta-se os momentos de alegrias que reuniam os habitantes da favela como nos trechos retirados para exemplificar “Além dos festivais de bola, um outro momento em que a favela respirava alegria era nas festas juninas” (EVARISTO, 2017, p. 43). Percebe-se também em *Quarto de despejo*, “...Hoje a noite vai ter uma corrida aqui na favela. A corrida é promovida pelo Rubro Negro. Tipo corrida São Silvestre” (JESUS, 1963, p. 65) e “O senhor Alfredo fez um baile” (JESUS, 1963, p. 66) “os favelados todos os anos fazem fogueiras” (JESUS, 1963, p.63). Esses, são alguns dos momentos de interação entre os moradores descritos em ambos os livros.

4.3 A escrita sobre a vida na favela: Maria-Nova e Carolina

Em ambos os livros, percebemos a preocupação de retratar o espaço, dá voz aos excluídos, dá voz a favela, e ao papel que esta representa na sociedade e na vida dos indivíduos que nela habitam. Carolina por meio da escrita conta como era o dia a dia da vida na favela, enquanto que Maria-Nova por várias vezes no livro menciona a vontade de passar tudo o que estava vivendo para o papel, de contar as histórias que escutara dos parentes, e assim, como Carolina também ver na educação a possibilidade de mudança e melhoria de vida.

Carolina para fugir dos sofrimentos do dia a dia, encontrava refúgio na escrita, neste trecho vê-se o amor por escrever, para fugir da dura realidade escrevia, colocava no papel tudo o que passava, o que sentia, as histórias dos seus vizinhos “quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo” (JESUS, 1963, p. 19). No seu diário foi descrevendo e contando como era vida dela e dos demais habitantes como temos no trecho “é preciso conhecer a fome para saber descrevê-la” (JESUS, 1963, p.26), em muitos trechos a autora faz relatos sob a fome, da sua dor ao ver os filhos amanhecerem sem ter nada para comer. Como ela viu e viveu na favela conseguiu descrever de forma magnífica. Ao escrever Carolina foge da dura realidade que vive, é o momento em que ela sonha com um futuro melhor “enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes” (JESUS, 1963, p. 52).

Ao passo que no livro de Evaristo a menina Maria-Nova sonha em escrever tudo o que viu e ouviu “[...] quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente” (EVARISTO, 2017, p. 151) e “um sentimento estranho agitava o peito de Maria-Nova. Um dia, não sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente (EVARISTO, 2017, p. 31). Maria-Nova gostava de escutar histórias, a menina deixa claro sua intenção de escrever suas vivências na favela e as histórias que escutou entre os becos por onde circulava na favela. Maria-Nova assim como Carolina, concebia a educação como instrumento de transformação social, tanto para ela quanto para seu povo, ressaltando que a educação tem o poder de transformação, de mudar vidas.

4.4. O olhar preconceituoso sob a favela

Outro ponto em comum entre as obras de Carolina e Conceição é a retratação do preconceito que os moradores sofrem por morar na favela. Retirou-se o trecho em que Carolina fala sobre como os moradores da favela são assemelhados a marginais “...Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerado marginais” (JESUS, 1963, p. 48). Logo abaixo, tem-se mais um fragmento sobre o assunto:

No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-se com repugnância. Já estou familiarizada com estes olhares. Não entristeço. Quis saber o que eu estava fazendo no elevador. Expliquei-lhe que a mãe dos meninos havia dado-me uns jornaes. Era este o motivo da minha presença no elevador (JESUS, 1963, p. 98).

Como pode ser visto no seguinte fragmento em que Conceição narra que na praça, rapazes (não moram em favela) alegres, bem vestidos, brincavam, conversavam ao sol. Eram tidos como jovens contestadores, estudantes. Enquanto que os filhos de Ana do Jacinto (moradores da favela), jovens vagabundos, perturbadores, marginais. (2017, p. 157). Neste outro trecho percebe-se como muda o olhar e a forma de tratamento com as pessoas dependendo do local de onde moram. “Que os grandes, os fortes, os fortes, os que estavam do lado de lá, queriam que todos os do lado de cá fossem realmente fracos, bêbados e famintos” (EVARISTO, 2017, p. 141).

Em mais trechos da obra de Carolina, percebemos o preconceito por conta do local em que moram “disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidades de delinquir do que tornar-se útil a pátria e ao país” (JESUS, 1963, p. 26) e “credo, para viver num lugar assim só os porcos. Isto aqui é o chiqueiro de São Paulo” (JESUS, 1963, p. 30) e “gente da favela é considerado marginais” (JESUS, 1963, p.48). Aqui percebemos que os indivíduos são tratados e “classificados” de acordo com o local em que moram. Nos trechos expostos aqui vimos o olhar preconceituoso retratado nos livros com os moradores da favela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o auxílio da Literatura Comparada e o estudo sobre o espaço nas narrativas foi possível fazer a análise dos livros escolhidos para realizar esta pesquisa. Ao fim desta análise, verificou-se as diferenças na representatividade que o espaço favela desempenha na vida das personagens nas obras *Becos da Memória* e *Quarto de Despejo*.

Para Maria-Nova e Carolina a visão do espaço favela é diferente. Ao passo que para a primeira, o ambiente é tido como um porto seguro, por mais precário que seja, a menina sofre ao ver o local sendo destruído, os vizinhos saindo de suas casas e irem em busca de um novo lugar para reconstruir suas vidas, tendo que deixar para trás o barraco, amizades, as lembranças que ali construíram. Nota-se o medo e angústia dos personagens em relação a essa mudança, a dúvida se a vida nesse novo lugar será melhor do que é ou será pior. Em contrapartida, Carolina Maria de Jesus

sonha em mudar-se da favela, manifestando em diversas ocasiões o desejo de comprar uma casa de alvenaria em outro bairro, a expectativa de distanciamento com relação ao lugar e a realização deste sonho.

Apesar de mostrarmos inicialmente que a visão que se tem da favela é representada de forma diferente nos dois trabalhos, percebe-se alguns pontos em comum nos dois livros, como por exemplo, a descrição das moradias, a vida dos moradores, no dia a dia. Da mesma forma, em ambos os dois livros os residentes são marginalizados pelos moradores dos bairros vizinhos. A esse plano sincrônico deveríamos acrescentar, no entanto, outro, diacrônico, presente, por exemplo, nas comparações que a personagem Maria Nova faz entre a favela e a senzala. Outra distinção significativa, a título de conclusão, é aquela que se pode notar entre a visão da favela como um pedaço do corpo, ou seja, como parte significativa do indivíduo cujo distanciamento torna-se doloroso, presente nos *Becos da Memória*, e aquela que apela para visões mais críticas, como *Quarto de Despejo*, inferno, quintal de uma casa, chiqueiro, entre outras, enunciadas por Carolina. Aqui, porém, já não são tanto as distinções significativas, quanto as próprias ambiguidades com relação à experiência do lugar que devem ser ressaltadas, afinal, não necessariamente tais classificações assumem caráter mutuamente excludentes.

Em síntese, pode-se afirmar então que a proposta de trabalho tendo como componente central de análise o espaço como elemento intrínseco à obra é de suma importância para composição narrativa, assumindo lugar insuspeito e pouco problematizado na construção das distintas narrativas. A apresentação do espaço desnuda, portanto, características e ações que se justificam devido ao local em que estão inseridos os personagens e suas ações, o que justifica, pois, o aprofundamento do trabalho de pesquisa em curso. Isto é, desde que tenhamos obtido sucesso ao demonstrar o potencial da exploração das relações entre literatura, espacialidade e modos de interpretação do mundo por intermédio da comparação entre duas das autoras e obras mais relevantes da atualidade.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: Formas e transformações da memória cultural*. Tradução: Paulo Soethe. Campinas – SP. Editora da Unicamp, 2011.

BRANDÃO, Luis Alberto. *Breve História do Espaço na Teoria Literária*. In errados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura. n.º. 10, ano 14, 2005, p.125-134.

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e Literatura: Introdução à topoanálise*. Franca – SP, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006.

CARVALHAL, Tania Franco; COUTINHO, Eduardo (org). *Literatura Comparada: Textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CROCE, Benedetto. La "letteratura comparata". In: -. *Problemi di estetica*. 4ªed. Bari: Gius. Laterza & Figli, 1949, p. 71-76.

SILVA, Denise Almeida. *Revista Literatura em Debate*. v. 9, n. 17, p. 80-95, dez. 2015.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Tradução Salma Tannus Muchal. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FROZ, Sarah Silva. SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. *Espaços de exclusão e memória em narrativas de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus*. Terra roxa e outras terras- Revista de Estudos Literários. Vol. 35, jun. 2018.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Edição Popular, 1963.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica 1*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NASCIMENTO, Gisêlda M. *Feitio de viver: memórias de descendentes de escravos*. Londrina: Eduel, 2006.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: História, Teoria e Crítica*. 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n.10, p.7-28, dez.1993.

PRADANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REMAK, Henry H. H. *Literatura comparada definição e função*. In COUTINHO, Eduardo F.,

CARVALHAL, Tânia Franco (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François[ETAL], Campinas – SP.

SANTOS, Joel Rufino. *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Edusp, 2002.

VALLADARES, Licia. *A gênese da favela carioca*. A produção anterior às ciências sociais. RBCS, vol. 15 n. 44 out. 2000.

VALENÇA, Márcio Moraes et. al. *Cidade (i)legal*. Rio de Janeiro: MAUAD Ltda, 2008.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

Francisca Katrine de Carvalho Souza

Mestranda em Letras, Campus Bacabal da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.
Integrante do Grupo de Pesquisa em Literatura, Negritude e Diversidade (GEPELIND) e do
Grupo de Pesquisa Literatura, enunciação e cultura (LECULT).
E-mail: francisca.katrine@discente.ufma.br

Wheriston Silva Neris

Doutor em Sociologia, docente do Curso de Ciências Humanas e da Pós-Graduação em Letras,
Campus Bacabal da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.
E-mail: wheriston.neris@ufma.br

Recebido em 10/02/2022.

Aceito em 20/04/2022.